



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES B1 – LATINDEX
Nº. 25 – Ano XIII – 05/2024
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Re(unir) em festa: uma abordagem fenomenológica sobre os sentidos da festa de Sant'Ana do Inhaí/MG

Ingrid Priscila Alves de Moraes
Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8382419765300725>
E-mail: ingridpriscila140@gmail.com

Prof.a Dr.a Roberta Vasconcelos Leite
Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - Brasil
Pós-Doutora em Sociologia pela Università di Bologna - Itália
Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/4167975355085236>
E-mail: roberta.leite@ufvjm.edu.br

Resumo: Objetivamos investigar os sentidos da festa de Sant'Ana do Inhaí (Distrito de Diamantina/MG) para sujeitos da experiência. De modo a aprender nuances das múltiplas vivências implicadas na festa, adotamos a Fenomenologia Clássica como referencial teórico metodológico. Para a coleta de dados, realizamos pesquisa de campo no Inhaí durante e após as celebrações em homenagem a Sant'Ana no ano de 2019. Selecionamos intencionalmente sete sujeitos que compartilharam conosco suas vivências em relação à festa, alguns de forma presencial e outros de forma virtual. Colhemos relatos que foram transcritos, textualizados e analisados fenomenologicamente. As elaborações versam sobre sentidos da festa que indicam especificidades de vivências temporais, espaciais, religiosas, comunitárias e de pertencimento. A festa suscita a vivência de um tempo forte e a elaboração sobre as distinções entre o antigamente e o agora, entre o espaço sagrado da fé e o espaço profano da rua. Alguns exaltam a expansão das atrações profanas que atraem um público maior de jovens e movimentam a economia local. Outros lamentam o

esvaziamento do espaço sagrado e temem pela continuidade da festa se ela perder seu ponto maior. Mesmo divergindo diante dessa tensão, devotos e não devotos reconhecem a centralidade de Sant'Ana na constituição da festa, bem como enfatizam o quanto festejar é ocasião de encontros e reencontros. Conclui-se que os vários sentidos apreendidos apontam para a festa como vivência de re-união comunitária. Nas diferentes compreensões que diferentes miradas sobre a festa nos permitiram alcançar, colhemos um fio que perpassa, entrelaça, agrega: re-unir em festa é afirmar a comum-idade.

Palavras-chave: Festa religiosa. Fenomenologia. Comunidade.

Introdução

Estudos que abordam a cultura e a religiosidade popular de comunidades rurais podem desvelar como tais fenômenos entrelaçam-se de modo único e potente, permitindo compreender melhor como parte da população brasileira vive. Esta pesquisa coloca-se no âmbito da fenomenologia enquanto caminho de pesquisa, pois ela prioriza a experiência para compreender os fenômenos. A fenomenologia se volta àquilo que se apresenta ou que se mostra, trata-se de uma corrente filosófica que afirma a importância dos fenômenos da consciência (ALES BELLO, 1998).

No munda-da-vida, seguimos o que é ditado pelas gerações anteriores. Quando passamos a questionar o que está posto, mudamos a nossa atitude natural e buscamos a atitude fenomenológica de compreender o fenômeno, o qual devemos deixar aparecer, deixar que se nos mostre. Quando conseguimos suspender nossas (pre)concepções é quando podemos nos dar conta do verdadeiro sentido do que se revela a nós (VAN DER LEEUW, 1964). A suspensão de nossos preconceitos é um processo de reconstrução de nossas ideias já aprendidas e talvez perdidas, um processo longo onde buscamos nos permitir uma grande abertura às coisas mesmas. Nossa intenção é que a apresentação dos sentidos da Festa de Sant'Ana do Inhaí siga neste sentido, de abertura à sua complexidade.

Na estrada de terra, estreita e com muita poeira, seguimos ao Inhaí, terra de Sant'Ana, distrito de Diamantina, Minas Gerais. No meio do cerrado com árvores que se encontram formando um lindo túnel natural, com suas plantas nativas, pequi, araticum, mangaba e também cagaita, contornando todo o caminho até a chegada

do pequeno distrito. É impossível falar da chegada ao Inhaí sem mencionar a Ponte da Amizade, sobre o Rio Jequitinhonha, uma ponte de madeira extensa que une os distritos de Maria Nunes, Boa Vista e Inhaí, que marca a passagem de todos que vão a esse lugar. Essa ponte tem significado, histórias e emoção, quem é da região conhece e é capaz de passar por ela vendado e saber exatamente qual lugar é.

Chegando lá, tantas pessoas! Uma grande movimentação me chama atenção¹, esse final de semana de julho de 2019 seria então a Festa de Sant'Ana, padroeira local. Pessoas dispostas na arrumação da igreja, pessoas na organização das barraquinhas, jovens testando o som, todos envolvidos num mesmo propósito: a Festa de Sant'Ana. Sigo caminhando por toda a comunidade, todas as casas estão de portas abertas e gente por toda a parte. Próximo à igreja avisto uma senhora de bruços na janela, com um olhar de gratidão ao ver os netos descalços correndo pelas ruas. Carros e mais carros com placas de várias localidades chegando: Diamantina, Belo Horizonte, São Paulo.

Mais ao entardecer, começo a me perguntar sobre os significados de toda aquela movimentação para a comunidade. Final de semana de Festa. Quais seriam os sentidos de tudo aquilo? Não fazia muita ideia. Sigo para a missa, acompanho o cortejo, vejo a Santa envolta em flores, ladeada por estandartes e a bandeira para ser erguida ao mastro. Logo atrás vem a banda de música Sant'Ana do Inhaí, todos vestidos de azul num mesmo ritmo seguindo a Santa. As pessoas se aproximando, todos com os olhares seguindo a Santa.

Num piscar de olhos, uma multidão estava no cortejo. Pessoas de todas as idades: velhos, jovens e crianças, um misto de histórias. Seguindo em orações, cantos, fogos, o sino tocando, muito barulho, fogos, muitos gritos: Viva Sant'Ana! Uma festa religiosa católica “comum”, mas que de repente despertou em mim um sentimento inexplicável que me fez arrepiar dos pés à cabeça. Parei e respirei fundo, fechei os olhos e me permiti sentir a energia que estava ali. Neste momento percebi que o meu objeto de estudo seria a Festa.

Via pessoas sorrindo, pessoas chorando emocionadas por graças atendidas, pessoas agradecidas por estarem ali com suas famílias. Tudo isso me permitiu intuir sentidos. Era sim um momento de festa, mas não era somente isso. Havia uma

¹ Optamos pela primeira pessoa do singular nos trechos que se referem às vivências da primeira autora no Inhaí e na Festa de Sant'Ana.

tradição e um significado em cada momento de experiência. Assim que a festa na igreja “acabava”, as pessoas seguiam nas ruas com cantos, músicas e uma diversidade de coisas. As barraquinhas davam início às suas vendas, comidas e bebidas típicas, quentão, canjica, caldo, pinga... Momento de grande significado para a comunidade. Momento também para começar a pensar sobre a festa do ano seguinte.

A festa continua na rua, nos becos e na praça. Segue por toda a madrugada, até a alvorada, quando os mais velhos perpetuam a tradição de irem cantando e tocando até a igreja antes do amanhecer. Já no dia seguinte, com a festa a todo vapor, as pessoas agradecidas vão até a casa do festeiro do ano, para compartilhar o almoço. Um momento de união, de comunhão. Há relatos de que a festa se encerrava a partir do momento em que se distribuía um doce. E a partir disso, logo a comunidade se juntava para o sorteio do novo festeiro.

A festa é envolta de algumas polêmicas comuns em celebrações em comunidades rurais. Há tensões com relação à escolha do festeiro, que por muito tempo ficou sob o domínio de uma única família. E também com relação ao crescimento da festa de rua, em detrimento das celebrações religiosas, o que é visto por alguns como um problema.

Através da experiência adquirida na comunidade, o tema da pesquisa surge. O objetivo do presente trabalho é apresentar nossas compreensões sobre os sentidos da festa de Sant’Ana do Inhaí para membros da comunidade. Na atenção a diferentes modalidades de sentido (de pertencimento, relacionais, religiosos, econômicos), o intuito é chegar a delimitar elementos essenciais da festa para essa comunidade rural.

A centralidade da experiência

Inicialmente, foi realizado trabalho de campo na comunidade rural do Inhaí (Diamantina/MG) para conhecimento do território, das pessoas e suas relações cotidianas. O intuito era compreender em profundidade a dinâmica social da comunidade, utilizando como instrumento diário de campo para registros de dados que se mostrarem relacionados aos objetivos da pesquisa (BRANDÃO, 2007), bem como entrevistas e conversas. Sete pessoas participantes ligadas de diferentes

modos à Festa de Sant'Anna foram escolhidas por amostragem intencional (GIL, 2008): Lúcia Maria (47 anos), Dona Aline (65 anos), Dona Mercês (70 anos), Ihara (27 anos), Jandívison (28 anos), Paula (30 anos) e Tuca (32 anos).² A proposta inicial era realizar entrevistas em momentos propícios à elaboração, seguindo o modo de suas elaborações, respeitando o encadeamento de assuntos tal como proposto por elas (BARREIRA; RANIERI, 2013).

Os primeiros relatos foram colhidos durante a festa de Sant'Ana em julho de 2019 e em uma visita à comunidade poucas semanas após a realização da festa. Entretanto, veio à pandemia de Covid-19. Em março de 2020, o isolamento domiciliar se inicia, era algo assustador. A ordem era: “fique em casa!” Em caso de necessidade para sair, mantenha distanciamento, use máscara e álcool em gel.

Nossas propostas foram reestruturadas. Tínhamos que pensar em uma forma de continuar a pesquisa com o menor prejuízo possível. Não podíamos mais tomar cafés na mesa pequena ao fundo da cozinha, não podíamos mais visitar várias casas num só dia. As conversas durante a pandemia foram através de ligações, mensagens de voz, depoimentos e trocas de textos. O encontro presencial tem o seu valor, e seria de grande importância para o desenvolvimento do trabalho, mas não sendo viável, adaptamos ao possível. As emoções parecem estar sempre à flor-da-pele durante esses meses: a cada palavra digitada meu coração se agita, a cada áudio trocado, a pessoa fica mais próxima. Dá para perceber a intensidade e as emoções que são despertadas também do outro lado da rede.

A partir do material coletado, o caminho para identificar os sentidos da festa se baseou na obra de Van Der Leeuw (1964), que enumera diretrizes que devem ser levadas em consideração para a apreensão da essência dos fenômenos. A primeira dessas diretrizes é a Nomeação, isto é, dar nomes para reagrupar os fenômenos. Concomitantemente se faz a Inserção: inserir a própria vida na experiência vivida de outrem, pois é preciso viver aquilo que se mostra. Outra diretriz é que essa Inserção seja entre parênteses (*epochè*), para o pesquisador não se perder no objeto de investigação e nem no ego. Assim é possível chegar à Elucidação: clarificar as conexões de sentido. Todos esses passos levam à Compreensão: quando o fato se torna dado e emerge a experiência-tipo. E devem ser acompanhados pela

² A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFVJM (CAAE: 23125019.5.0000.5108) e os participantes expressaram seu desejo de serem identificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Retificação contínua, que significa estar pronto para revisar o material coletado, acolhendo sugestões para aprimorar a compreensão do fenômeno. Por fim, a diretriz da Reconstrução chama atenção à importância de dar testemunho, falar o que foi compreendido de um modo que seja fiel ao fenômeno que se revelou a nós.

Para definir a forma de apresentação desta investigação fenomenológica, este trabalho se baseia nas obras de Mahfoud (2003) e Leite (2016). Inicialmente damos testemunho de nossa compreensão da experiência dos participantes, grafando em itálico todos os trechos retirados das entrevistas. Na sequência, discorreremos sobre o referencial teórico e discutimos os resultados com nossos autores de referência. Entendemos, com Leite (2016, p. 35), que “com tal ordenação é possível privilegiar a força daquilo que encontramos, de modo que o leitor possa melhor acompanhar o percurso de análise que se constitui como o coração da pesquisa”.

Sentidos da festa

Um momento muito especial, a melhor época do ano

Quando tratamos de festas religiosas, como é o caso da Festa de Sant’Ana do Inhaí, sabemos que elas ocorrem quase sempre anualmente e que muito da vida da comunidade gira em torno de seus preparativos, realização e elaboração dos acontecimentos logo após seu término. Este tempo, que no Inhaí começa antes e termina depois dos dias da festa propriamente dita em fins de julho, é um momento de orações, agradecimentos e de pedidos. Tempo de fé, marcado por diversas atividades que a igreja desenvolve somente naquela época.

Como preparativos, a Festa de Sant’Ana do Inhaí e grande parte das festas religiosas possui o tempo das novenas (novenário). Tuca conta que *são nove dias de novena e o dia da festa propriamente, então neste dia a gente praticamente, os nossos olhares estão voltados para esse momento, é um momento de profunda devoção*. De forma tradicional, cada dia da novena acontece em uma casa das famílias participantes. No Inhaí, Ihara enfatiza que *sempre, a escola ficava responsável pelo primeiro dia da novena*, como forma de promover o envolvimento das várias instituições da comunidade e também podendo ter como meta o

envolvimento dos mais jovens. São nove dias e nove lugares diferentes, por onde passam várias pessoas realizando orações.

Paula: *São nove dias de novena e o dia da festa propriamente (...) é um momento de profunda devoção. (...) Esses dias que nós reunimos em preparação para a festa, louvor e agradecimento, eles nos levam a ficar unidos em Deus, com a comunidade. Então, assim, essa festa pra gente é um momento muito especial mesmo.*

Para além das atividades desenvolvidas pela igreja para comemorar o dia da Santa, a comunidade se reúne organizando diversas outras atividades voltadas para o comércio, como as barraquinhas que vendem as quitandas, a pousada e o supermercado. Tuca diz que *a Festa de Sant'Ana é a época que tem mais venda. Começa mais ou menos no dia dez, doze de julho que tem as novenas, tem essas partes todas e vai até dia 26, 27 de julho, que é o dia da festa mesmo.*

O mês da festa é um tempo de grande movimentação de pessoas que seguem para o Inhaí, com diferentes motivações: na intenção da fé, na intenção de reunir com a família, na intenção de descansar e aproveitar. *As pessoas de fora são na maioria inhanhenses ausentes, explica Ihara.*

Ihara: *Das festividades religiosas, eu lembro que a igreja estava sempre muito cheia e que a festa de Sant'Ana pra mim era assim, nossa, a melhor época do ano (...) então a gente ficava aguardando a ano inteirinho, ficava aguardando chegar, chegar a data né, em julho, pra gente estar reunindo a família para as festividades.*

Para Jandívison, jovem músico que hoje reside em outro Estado:

Jandívison: *Nessas celebrações, tanto o jeito inhainhense de fazer música se impunha naturalmente, as características simplistas da música tradicional sertaneja, quanto as mudanças naturais pelas simbiose de informações artísticas possibilitada pela facilidade de acesso a elas... Tudo isso fica impregnado nos 10 dias de celebrações... A tradição da novena, do levantamento do mastro com a bandeira, se mantém forte e já se tornou uma marca da cultura local! Para efeito de comparação, aqui no Rio [de Janeiro] é mais comum tríduo ao invés de jovens, e não são comuns igrejas com o mastro; a única coisa que se mantém igual aqui é a procissão no dia do padroeiro, porém a estrutura dela é diferente! Aqui não se fazem as filas... Coisas que ocorrem naturalmente em Inhaí e redondezas!*

As pessoas relatam como são os momentos em que a festa acontece na comunidade com muito carinho: a festa evoca lembranças. Confrontando o antes com o agora, levantam questões relativas às mudanças, às vezes vistas como um

problema, às vezes entendidas como naturais ou necessárias. Nos momentos em que são discutidas as mudanças ocorridas na festa, o tempo passado, o “antigamente” surge como critério de comparação.

Lúcia Maria: *As reinvenções das festas vem vindo mudando pensamento, você sabe, né? Tudo muda. A festa de Sant’Ana é importante pra ver gente bonita [risos] (...). Hoje ela é importante, mas antigamente ela era mais, eu tenho saudade de antigamente, era uma outra visão, todo mundo esperava, contava o ano inteiro e vinha gente de longe. Mas só que vem se perdendo, o pessoal não perdia uma festa.*

D. Alice: *Tem 23 anos, e era essas coisa antiga né?! Hoje é tudo moderno, né? As festas, tudo diferente do tempo nosso, é muito diferente. Agora nós não precisamos mais da bandinha que vem, porque antigamente vinha a banda de fora, vinha lá de São João da Chapada, outra hora era a banda de Zé nobre, muitos, ‘cês nem sabe [risos] que vinha aqui. Muita da hora era o batalhão, né? E assim por diante. Os padres, não tinha, o padre não era, assim, todo dia não. Vinha, abria, começava o novenário e ia embora e a gente mesmo que ia fazendo. Mas agora, da minha fé, 23 anos aí atrás que começou a vir os padres, todo dia um padre pra celebrar a missa e fazer os novenários, né?*

Como em muitas comunidades rurais, a época das festividades possui um tempo diferente do tempo “normal”. No decorrer de todo o ano, a vida acontece de forma natural, as crianças e os jovens vão para a escola, os adultos vão trabalhar alguns em atividades domésticas ou no campo. Já às vésperas de alguma comemoração, o tempo é outro, possui um diferencial.

No Inhaí, existem três tempos diferenciados para a comunidade. No finalzinho do ano até o dia de Santos Reis (06/01) é realizada a Folia de Reis. Após alguns meses é comemorada a Semana Santa e por fim, o mês de julho é comemorado o dia de Sant’Ana. O momento de celebrar a padroeira é o tempo de maior importância para a comunidade, é o tempo de viver a fé e devoção.

O momento da festa marca um tempo que se destaca do correr dos dias no ano, que evoca lembranças e convida às comparações entre a festa de antigamente e a festa do tempo presente. Acompanhando Dona Alice e Lúcia Maria, entendemos mais sobre essas marcas temporais e mantemos vivo o questionamento: o que diferencia a festa de antes e a festa de hoje?

Hoje em dia o pessoal vem com o intuito de aproveitar mais a rua

A festa de Sant'Ana do Inhaí acontece há décadas, ou talvez séculos, e as mudanças que ocorrem vão sendo elaboradas pelos membros da comunidade. Segundo relatos, antes a festa era mais simples e havia maior devoção. A estrutura da festa, por muitos anos, era de responsabilidade de uma única família que organizava as comemorações da rua, mandava confeccionar a bandeira do mastro, dos estandartes e preparava os fogos. A festa de rua era caracterizada pelas barraquinhas, pelas músicas e estruturas de sons, pelo churrasco, pela comida, pela bebida e pela distribuição do doce.

***Paula:** Tinha dois momentos mesmo, o momento religioso, que é a festa propriamente dita; e a festa, o momento social, que geralmente era logo após quando terminavam as atividades religiosas. Tinha esse momento social, que era as barraquinhas, né, tinha alguns shows, essas coisas que é comum né, de ter na maioria.*

Por algum tempo, a comunidade organizava também as celebrações religiosas. Posteriormente, a Igreja passou a ser responsável pela realização das missas e procissões. Isto se deu em meados de 2000, quando a igreja de Sant'Ana virou paróquia, tendo assim, um pároco responsável por todas as atividades desenvolvidas dentro da igreja e pela Igreja.

Mais recentemente, também a organização da festa da rua começou a ser realizada em conjunto com a paróquia. No domingo, dia final da festa, passou a ser realizado um sorteio com nomes de famílias interessadas, de modo que a família sorteada ficasse responsável pela comemoração seguinte. Com essas mudanças, algumas atividades tradicionais da festa acabaram perdendo espaço. Como exemplo os leilões que as famílias festeiras realizavam para arrecadação de dinheiro, o almoço gratuito no dia final da festa e a distribuição do doce.

***Lúcia Maria:** Tinha leilão, as barraquinhas ficavam cheias, e foi acabando tudo. Aí acabou isso tudo depois que inventou de vir cantor de fora. O que também é bom, vem cantores para os palcos. Eu acredito que seja um ponto positivo, considerando que o Inhaí é um canto. O que mais foca mesmo é a questão da falta de devoção, porque hoje em dia o pessoal vem pra festa com o intuito de aproveitar mais a rua. Vem como feriado, para descansar. Aí antigamente o pessoal vinha das comunidades locais, das nossas localidades aqui, a igreja ficava cheia, lotava, então acho que o foco maior é a da devoção, e as reinvenções das festas vem vindo mudando pensamento, você sabe né, tudo muda.*

Com a alternância de famílias festeiras, a festa de rua mudou muito, como nos conta Lúcia Maria e ganhou uma proporção maior do que esperado. As festividades de Sant'Ana do Inhaí modernizaram-se, há shows com bandas regionais, carros com som automotivo e bares lotados. O público maior da festa passou a ser de jovens, da comunidade e da redondeza. As famílias encarregadas da organização inovavam a cada ano. Para as atividades da igreja, um cortejo com personagens caracterizados, uma fogueira gigante, um andor cheio de flores, muitos estandartes e faixas para destacar a família “dona” da festa.

Ihara: *Eu acredito, também pelo o que eu ouço as pessoas falando, a festa teve muitas mudanças significativas de algumas décadas pra cá, e o que seriam essas mudanças? Mudanças nos aspectos religiosos e também nesse segundo aspecto que é a festa de rua, porque pelo o que eu sempre ouço dos mais velhos, a festa de Sant'Ana era antigamente uma questão de devoção, fé, espiritualidade, e hoje em dia isso tudo vem se perdendo, porque os jovens, não são tão frequentantes, eles não frequentam a parte religiosa, eles querem saber mais da festa de rua.*

De acordo com alguns relatos e com Lúcia Maria, *antigamente, a devoção era maior* e o espaço da igreja era mais frequentado. *Depois foi crescendo* explica Dona Alice e, nesse movimento, *hoje em dia o pessoal vem pra festa com o intuito de aproveitar mais a rua*, são mais jovens que *não frequentam a parte religiosa* afirmam Lúcia Maria e Ihara. Para descreverem as festividades em comemoração à padroeira, é iminente perceber nas falas a separação em dois espaços: em um reina a festa de rua, no outro impera a festa religiosa. Falas que indicam como a diferenciação temporal do que seja a festa hoje em comparação ao que era antigamente pode ser melhor compreendida se analisarmos as nuances das vivências de espacialidade.

D. Mercês: *Ah, minha filha tem tempo que eu vejo daqui a festa, eu fico quieta aqui no meu canto, mexo na minha horta. Do Inhaí aí eu gosto, né? Tem uns filho meu que mora aqui pertin', minha neta aqui com eu. Eu fico aqui na janela, vejo meus vizin' que aqui a gente conhece todo mundo. Às vez dou uma saidinha aí na rua pra conversar um pouco, vou na igreja rezar. No dia da festa eu vou na igreja, né? Vou mais na igreja, por causa de que lá em riba tem a bagunça. Eu fico aqui, daqui eu vejo a igreja. Meu pai trazia pra... antes.*

Jandívison: *Nessa fase eu participava todo ano, seja no âmbito religioso, onde eu participei como coroinha e posteriormente ajudei com a música, seja secular, onde eu me divertia e tinha a oportunidade de encontrar meus amigos fora da igreja ou da escola.*

As relações que as pessoas constroem com os espaços no momento da festa são importantes para compreender essa divisão que insiste em reaparecer: rua e igreja não se misturam? Rua é sinônimo de *bagunça*, *social*, *secular*, igreja é lugar de *rezar*? Os espaços onde ocorrem as atividades da Igreja (como a procissão, o levantamento do mastro, as missas) ou que fazem alusão à padroeira (como a Serra onde contam que a imagem de Sant'Ana foi encontrada) são tomados como sagrados, locais para vivências religiosas de *devoção*. Já os espaços destinados para a festa de rua, são elaborados como lugar de *diversão* e geração de renda.

É interessante perceber que essa noção de espaços diferentes não é rígida, já que na mesma rua em que a procissão segue, acontecem mais tarde os shows de *cantores de fora*. Então não se trata de fixar limites claros cartograficamente e sim de compreender as elaborações que insistem em demarcar limites espaciais para melhor diferenciar as duas dimensões da festa.

***Ihara:** Quando tem o mastro, a igreja está muito cheia e movimentada e é quando frequenta pessoas que são crianças, jovens, adultos, e aqueles que estão sempre frequentes ali na igreja. A segunda parte que eu acredito que essa festa se divide, seria a festa de rua, que até então leva o nome da festa de Sant'Ana. Se a gente pegar os cartazes, cartazes de divulgações das festas anteriores, tem os shows, o que vai ter na festa, fica tudo junto, o que é também interessante. Essa parte de rua mesmo, é a parte que movimenta um pouco assim o comércio dentro da cidade, nesse momento é que os comércios começam a vender algumas coisas, alguns barzinhos que vendem cerveja, durante o final de semana. Então ajuda um pouco, querendo ou não, nessa questão de movimentar a economia.*

Os dois espaços com suas dinâmicas próprias continuam sendo cenário de uma mesma festa, fato *interessante*, como observa Ihara. Até aqui, na divulgação *fica tudo junto*, mas como já vimos, para uns o crescimento da festa de rua é motivo de lamento porque é concomitante ao esvaziamento do espaço sagrado. Já outros entendem a importância deste movimento de atrair pessoas mais novas, pois a grande movimentação gerada pela festa afeta positivamente a economia local.

***Tuca:** Com certeza a época que gera mais renda aqui na comunidade é a época da Festa de Sant'Ana, porque todos os comércios faturam bastante. Eu também tenho um barzinho onde eu vendo salgado e essa época é a época que a gente mais vende. Apesar de eu não viver só com isso. (...) A festa de Sant'Ana gera renda pra todo mundo.*

Jandivison: *Quando o garimpo ainda era permitido eu era muito novo, então não sei dizer sobre o peso econômico que a Festa de Sant'Ana ou mesmo a festa de Reis tinham pra região! A criação do Parque Nacional das Sempre-Vivas, extinguiu o garimpo mas prometia a geração de renda através do turismo ecológico, potencial esse que não fora explorado! A partir daí começou o êxodo... As famílias começaram a se mudar; principalmente para Belo Horizonte, mas a minha família veio para o Rio [de Janeiro] (...). Mas pouco antes de chegar minha vez de vir para o Rio, eu pude notar o quanto as duas festas citadas acima se tornaram pilares econômicos; e podia-se notar facilmente pelos bares lotados, a pousada cheia, as barraquinhas... As ruas com pessoas circulando...! E daqui do Rio eu pude ver o quanto ela tinha crescido, muito mais gente e estava tendo shows...muito bacana!*

Jandivision amplia o olhar para situar a importância da geração de renda propiciada pela festa, dadas as mudanças históricas nas atividades econômicas mais proeminentes no distrito, especialmente o garimpo, que não é mais permitido. Mas esse motivo parece não ser forte o suficiente para justificar tamanha envergadura que a festa de rua ganhou e, frente ao esvaziamento do espaço religioso, para o ano de 2020, algumas mudanças realizadas pela Igreja estavam previstas para a festa. O foco da paróquia é retornar a algumas atividades tradicionais, como o leilão. Não haveria mais uma família festeira, a Igreja seria a única responsável por todas as celebrações e comemorações. As barraquinhas aconteceriam com a venda de comidas típicas e de algumas bebidas, mas de forma bem mais simples, buscando maior foco nas celebrações eucarísticas. Segundo Paula, com tal mudança *nosso maior objetivo é levar as pessoas a rezar a estar mais próximo de Deus.*

Como Paula, parte da população enxerga tais mudanças como importantes para reforçar a tradição de fé e religiosidade, porém, para outros, a festa focada somente na Igreja afetaria negativamente as possibilidades de geração de renda e diminuiria o número de participantes.

Ihara: *Será a primeira vez que a festa acontecerá diferente. Antes mesmo do decreto da quarentena, a festa de Sant'Ana já tinha sido modificada pelo pároco do Inhaí. Ela, a festa de Sant'Ana, seria realizada somente a festa religiosa, então não teria a parte da festa de rua, o que eu acredito que seria muito diferente também, causaria um impacto de pessoas que vem para a festa, os inhainhenses ausentes, eu acho que essa parte das festividades de rua, vai fazer muita falta, e vai ter um impacto muito grande de números de pessoas que vinham para participar da festa.*

A festa de Sant'Ana antes era de um jeito, hoje é de outro, amanhã não se sabe como será. A passagem do tempo é marcada principalmente por mudanças nas fronteiras entre os dois espaços, da igreja e da rua. É importante destacar que os dois espaços sempre existiram. Entretanto, a festividade de rua ganhou maior destaque com o passar dos anos. Já o espaço da igreja, passou a ser ocupado principalmente por pessoas que moram na comunidade, em sua maioria mais velhas.

É interessante notar que a palavra festa continua sendo a mesma para os dois “momentos” ou espaços: uns parecem entender que ela se aplica mais à rua, outros à devoção. Para nós, é mais um sinal de que a festa é tudo isso, é essa complexidade de vida e pertença.

De qualquer forma, existe uma tensão em relação ao modo como a festa se divide. Isso é entendido por algumas pessoas como um problema e para outras é uma oportunidade para a economia da comunidade e para o retorno anual dos *inhainhenses ausentes*. Há ganhos e perdas, assim como as estratégias para resgatar o dito *maior objetivo* da festa também dividem opiniões. Para avançar na compreensão dos sentidos da festa de Sant'Ana precisamos nos debruçar sobre esse objetivo que distingue tão claramente as vivências dos espaços da celebração.

A devoção como ponto maior

Lúcia Maria: *Antigamente a festa o pessoal tinha uma devoção maior e um dos anseios que a comunidade tem é poder resgatar essa devoção, sabe, a questão da devoção como ponto maior da festa, e não essa questão da festa em si, essa questão da rua.*

Tuca: *Olha, devota eu não sou não, tá? (...). Eu conheço muita gente aqui que é, conta as histórias, conta promessas que faz que conseguiu, né? Que ela ajudou, que isso, que aquilo. Então eu não crítico e cada um com a sua fé, com suas crenças.*

Como já relatado em vários trechos, as pessoas do Inhaí – mesmo aquelas que não frequentam a igreja – reconhecem que o espaço sagrado da festa se distingue pelo ato de rezar, pela *devoção*, pela *fé*. A mesma rua dos shows é vivida como sagrada quando nela impera a afirmação do relacionamento com a Padroeira, as *crenças* em Sua capacidade de *ajudar*, atender *promessas*.

Essa busca pelo sagrado, por uma divindade potente e ao mesmo tempo próxima é uma característica de sociedades católicas. Suas representações, através

de imagens, ocupam lugares consagrados, em geral os templos religiosos, e são vistas como fontes de vitalidade, força, fé e espiritualidade.

Tuca: *Até uns anos atrás a nossa imagem mesmo foi roubada e nunca mais achou, por fato de ser muito valiosa, sabe? Diz que tinha muito ouro nela, na peça, na coroa, e o interessante é que até hoje ninguém encontrou essa imagem, ninguém. Tem uma na igreja, mas ela é feita de madeira e não é tal igual a outra.*

Jandívison: *Por se tratar de uma festa religiosa, a Festa de Sant'Ana tem um grande teor artístico, primeiro pelo próprio ritual litúrgico e todo permeado por música, arranjos de flores.... Segundo pela igreja Matriz de Sant'Ana que é um grande patrimônio artístico - um atenção especial à sua arquitetura barroca es pinturas que sempre me encantaram. (...) A festa de Sant'Ana é um celeiro da Cultura inhainhense...*

O distrito do Inhaí é uma região de garimpo. O que os membros da comunidade nos contam é que, nas andanças à procura de ouro e diamante, há séculos atrás, foi achada na Serra uma imagem. Essa imagem encontrada era Sant'Ana, mão de Maria, avó de Jesus, que foi coroada padroeira local. *Essa história* da Santa ter sido achada na Serra que hoje leva seu nome é mais um indício de como a comunidade constrói um relacionamento pessoal com Ela, reconhecendo nEla vontade própria de onde quer estar. O valor agregado à imagem, que justifica seu roubo e substituição por outra peça, é reconhecido por Jandívison também na construção da igreja, *grande patrimônio artístico*. A cultura que gira em torno da Santa é definida por ele como *celeiro* do Inhaí: a comunidade construiu seus marcos e se construiu em torno dela.

A religião é uma forma de cultura em que os povos adoram uma Potência, prática humana destes seus primórdios. A vivência do sagrado como relação com a Potência que intervém na realidade e a modifica suscita sentimentos de crença, confiança e gratidão na comunidade religiosa. Para os católicos, há um Deus único, mas a devoção se estende para outras santidades. E como modo de consolidar esse relacionamento, os grupos religiosos criam e praticam orações e ritos a seu modo. Diante de desafios da vida, pessoas religiosas clamam, realizam promessas e as cumprem quando têm seus pedidos atendidos, reconhecem-se abençoadas. Buscam um sentido, e muitas vezes a fé é responsável pelo entendimento da vida. Não é diferente no Inhaí.

Ingrid: *A senhora gosta de Sant'Anna?*

D. Mercês: *Eu gosto. A gente gosta, né pra abençoar a gente né, a família da gente, mas hoje eu fico daqui quietinha, esse ano ela [a festa] foi grande, teve muita gente.*

Ihara: *Tem uma coisa que eu lembro bastante: na festa de Sant'Ana, a gente sempre ia para igreja, para as comemorações, para as missas e sempre Sant'Ana estava exposta. Lembro que minha mãe chegava e fazia... apresentava... mostrava o respeito que ela tem por aquela imagem, assim como todos os outros fiéis da igreja. Eles mostravam a devoção e o respeito que eles tinham e faziam pedidos de graças pra sua vida, de amor, de paz.*

Para alguns membros, mesmo quando fazem ressalvas sobre a própria religiosidade, suas falas indicam que a festa existe como sinal da devoção a Sant'Ana. Para outros, o relacionamento com a Santa é central em suas vidas, um vínculo que justifica a festa, mas a ultrapassa. Paula chega mesmo a se afirmar como neta da padroeira e enfatiza:

Paula: *A festa existe por causa de Sant'Ana, a avó de Jesus, então a gente deve ter em mente: o que é a festa? Por que a gente está comemorando esta festa? Quem foi esta pessoa? O que ela contribuiu para nossa história de fé, de cristão? Qual exemplo ela deixou pra mim? O intuito da festa, este ano seria esse, e é este! Independente de ter festa social, ter pandemia, ou não, o nosso maior objetivo era esse, resgatar essa cultura que foi um pouco deixada pra trás, e focada mais no social. Então o objetivo na verdade é este, lembrar às pessoas quem foi Sant'Ana, o que ela deixou de modelo para nós cristãos hoje, então era isso.*

Assim como Ihara destaca a origem da festa como *questão de devoção, fé, espiritualidade*, já vimos que também Lúcia Maria enfatiza a *devoção como ponto maior*, como origem potente, núcleo central da celebração, sem o qual a festa não faz sentido. E se o crescimento das festividades da rua parece ameaçar esse núcleo, as mudanças planejadas são justificadas por quem as defende com esse argumento: o objetivo é *resgatar* a centralidade da padroeira. A festa, nascida da devoção, vai se apresentando como uma ação que re-une (ou deveria reunir) a comunidade em função de algo que os transcende: busca por celebrar algo que é maior, a fé.

E não apenas no momento da festa Sant'Ana é referência que unifica o Inhaí. A banda de música da comunidade, presente em todas as celebrações, leva o nome da padroeira. Até no nome das pessoas ela se faz presente: boa parte das famílias da comunidade tem por sobrenome Santana.

Várias podem ser as explicações para esse fenômeno: pode ser uma forma simples de homenagear a santidade, ou uma promessa por graça alcançada. Ou pode ser que mais fatores estejam em jogo. Inhaí nasceu no ciclo do garimpo, constituindo-se com grande população negra e quilombola, a qual, como em outras localidades do Brasil, teve suas raízes africanas negadas pela escravização. Assim, ao serem batizados ou libertos, muitas vezes os negros buscavam nos santos de devoção a inspiração para definição de seus nomes e sobrenomes.

Sant'Ana se faz presente também nas memórias da infância, como diz Dona Alice: *antigamente eu ia com minha mãe*. Mesmo quem não nasceu ali, como Dona Mercês, conta que *meu pai vinha pra cá todo ano e trazia nós pequeno junto dele pra ver Sant'Ana*. E assim as famílias foram criando formas de apresentar a devoção aos mais jovens.

Nas famílias religiosas do Inhaí essa prática de envolver as crianças e jovens é muito comum. Grande parte dos jovens desenvolvem algum tipo de atividade voltada para a fé. As mesmas pessoas que fazem parte da banda de música, muitas vezes estão no grupo de jovens, ou no coral. Pelos relatos, como se trata de uma comunidade pequena e um pouco distante da cidade sede, as principais atividades que podem ser desenvolvidas pelos mais novos são estas. Até a chegada do ensino médio, onde estes têm a visão maior para fora de seu ninho.

Sobre esse ponto, ficou muito visível a mim na festa de 2019 que a banda de música era constituída principalmente por jovens que estavam finalizando o Ensino Médio naquele ano. Ou seja, boa parte daquela geração encerraria a sua participação direta na realização da festa naquele dia, pois muitos deles iriam para faculdade em outra cidade.

Parecia que aquele ciclo estava se encerrando para alguns, mas os relatos de outros jovens mostram como os laços com a festa podem continuar, pois em um momento das suas vidas eles a fizeram acontecer. Como já vimos, Jandívison também relata que *participava todo ano, foi coroinha e ajudei com a música*. Morando em outro Estado há alguns anos, alega que

Jandívison: *Embora questões financeiras e logística me impedissem de estar presente, me deixou muito feliz ver que a festa de Sant'Ana continuava sendo um ambiente de socialização e encontros, quer dizer, reencontros no caso! (...) A festa de Sant'Ana é (...) um ponto de encontros e reencontros que deve ser estudada e preservada!*

Jovens que foram protagonistas na festa falam dela com carinho, desejam que seja *preservada* e podem retornar. Ihara foi uma destas jovens que fez parte de todo o processo e que retorna sempre que possível. A festa de Sant'Ana, para ela, continua sendo um momento importante em sua vida, embora ela também pondere sobre as mudanças que vêm ocorrendo ao longo dos anos:

Ihara: *Os jovens não frequentam a parte religiosa, eles querem saber mais da festa de rua. O que é uma coisa preocupante, porque se a festa de Sant'Ana está envelhecendo de certa forma, a igreja está sendo frequentada somente por pessoas mais velhas, como vai se proceder a continuidade dessa festa? É uma questão que eu também fico me perguntando, será que vai continuar? Será que vai acabar? É uma situação complicada de se entender, de se aceitar na verdade.*

Em sua fala, a tensão entre a festa de rua e a festa religiosa apresenta seus contornos geracionais: é *preocupante* ver os jovens lotando as ruas e não *frequentando* a igreja, pois, se eles não se envolvem na *parte religiosa*, fica a dúvida sobre a possibilidade de continuidade da festa. Entendemos que, para ela, é *complicado entender e aceitar* que, por mais que admirem e tenham carinho pela festa, não parece que aqueles que se mudaram do Inhaí possam garantir sua manutenção. O que não significa que não existam jovens empenhados com o sentido religioso da festa, como vemos com Paula.

Paula: *Estar unido a Deus nestes dez dias, como eu falei, para meditar, para ver, para conhecer a história de nossa padroeira, para ter ela como modelo e continuar com a tradição da nossa paróquia, voltada principalmente para evangelização e para Deus. (...) A tradição aqui, deste quando começou a festa, era dos pais levarem os filhos, os parentes, os visitantes, a participar mesmo deste momento na igreja, deste novenário em preparação da festa, estar ali neste momento. Tinha antes um momento social, mas o principal motivo, o principal foco era de estar ali na igreja rezando. Com o tempo isso foi se perdendo mais, e o momento social, ficou mais forte do que a tradição, que antes era todo mundo junto participar. Então esse ano a gente queria resgatar isso, trazer o povo para unir mesmo, voltar às raízes. Todo mundo junto unidos, em louvor e oração, porque a festa existe por causa de Sant'Ana.*

As vivências religiosas se reapresentam a todo momento nas elaborações de Paula: falar da festa, para ela, é falar da fé. Cada uma das pessoas com quem conversamos tematiza a devoção de um modo distinto, sendo comum a afirmação de que este era o *principal motivo* da festa antigamente e que a devoção vem diminuindo, especialmente entre os jovens. As tensões entre o sagrado e o profano,

a rua e a igreja, as mudanças na festa ao longo do tempo mostram a dinamicidade e complexidade da festa como fenômeno cultural em suas dimensões temporais, espaciais e religiosas. Mas além das constatações sobre as mudanças e as tensões, outras afirmações sobre a festa vão se mostrando comuns: celebrar Sant'Ana é ocasião das pessoas estarem juntas, oportunidade daqueles que não estão presentes a todo o momento retornarem, e desta forma a comunidade se re-une.

Um ponto de encontros e reencontros

Jandívison: *A festa proporciona esses encontros.*

Ihara: *A festa de Sant'Ana é algo que retrata o reencontro entre as famílias.*

Festas em comunidades rurais são ocasião propícia para encontros e reencontros. O momento da Festa é aguardado por muitas pessoas. A ansiedade está à flor da pele. A comemoração a padroeira é um momento em que pessoas que não residem ali enxergam como oportunidade para retornar e reencontrar seus amigos, a sua família. O dia da festa em si, nas casas, é uma conjuntura de: o que eu devo preparar? Que horas eles vão chegar? Onde eles vão dormir? Será que é o suficiente? A preparação não é somente na igreja ou nas ruas para a chegada das pessoas, mas em cada casa.

Jandívison: *Nessa época a festa ajudava muito nessa socialização, uma vez que não tínhamos os meios digitais de comunicação tão democratizados, então a festa propiciava esses encontros! Meus irmãos chegaram a trabalhar nos garimpos e em outras atividades típicas do campo e para eles também era uma oportunidade de se encontrar em um ambiente diferente do habitual!*

As casas ficam cheias, os netos correndo por toda a parte. É um evento a hora do almoço e outro evento a hora do banho, principalmente se a casa tiver serpentina. Aqueles que residem ficam dias em preparação e planejamento para receber aqueles que chegam.

Ihara: *Todos os tios, da família do meu pai, moram em Belo Horizonte (...). A festa de Sant'Ana era um período de férias pros meus primos, meus tios, eles conseguiam tirar férias e a gente ficava esperando eles virem visitar a gente. Era só nesse período do ano, durante a festa. Então a gente ficava aguardando a ano inteirinho, ficava aguardando chegar, chegar a data, em julho, para gente estar reunindo a família para as festividades.*

A festa de Sant'Ana do Inhaí acontece durante uma semana, uma vez por ano. Para algumas pessoas da comunidade, esta semana é a mais importante em suas vidas. É um momento em que a comunidade se reúne para celebrar a sua padroeira e também para reencontrar a família, movimentar o comércio e a economia de forma geral, ou simplesmente para festejar.

Jandivison: *O período de comemoração permite que as pessoas tenham motivos para se reencontrarem; não que se precise de motivo para isso, mas a vida corrida nos obriga a sermos práticos! A festa de Reis já era esperado ter essa função, pois coincide com as férias escolares e de muitos profissionais; mas a Festa de Sant'Ana ocupa uma importante função de "zona de respiro" em meio à correria do dia urbano!*

Lúcia Maria: *A devoção vai perdendo um pouco o sentido e o povo fica mais focado na festa na rua. Mas é bom também, porque vai movimentando o comércio interno, é bom para fortalecer vínculos. Querendo ou não, a festa permite que o pessoal venha pro Inhaí, assim os que não estão residentes voltam no período da festa.*

As mudanças que podem acontecer com o decorrer dos anos entram na história como experiências vividas. Neste caso podemos analisar a mudança brusca no formato da festa para o ano de 2020. No momento em que foram feitas as entrevistas, todos já sabiam que a festa não aconteceria do modo como é tradicional. O encontro e reencontro não seriam possíveis.

A espera ansiosa pela família que vem não iria acontecer, a grande movimentação de pessoas perambulando na comunidade não iria acontecer. Não haveria igreja cheia nem rua com o som alto. É preciso mudar e criar um novo sentido para que a festa aconteça com as novas necessidades impostas. Que sentido será esse?

Ihara: *Essa festa sendo realizada com transmissão ao vivo é uma coisa que é nova, é uma coisa que infelizmente ninguém estava prevendo. Está acontecendo em todas as comunidades (...). Em 26 anos que eu participo da festa de Sant'Ana é a primeira vez. Então, o que será que define a festa? Será que realmente pode ser considerada a festa de Sant'Ana? Eu acredito que para além do caráter religioso, das manifestações religiosas, a festa também é um ponto marcante de encontro dos inhainhenses ausentes, encontro de todo mundo que foi embora, que consegue tirar um tempo para voltar ao Inhaí. Então eu não sei.*

Novos questionamentos surgem. Que seria da festa? As celebrações aconteceriam de um modo diferente, ainda poderiam ser denominadas festa? Quais são os elementos essenciais que fazem a festa ser festa? É um tempo que ficará

marcado para sempre nos relatos futuros. Os questionamentos que surgem muitas vezes não são passíveis de resposta. Seria o novo normal? Que novo normal é esse?

A complexidade das relações sempre existiu e sempre vai existir. As mudanças fazem parte do processo. Criando uma ilusão a respeito da pandemia, se ela nunca existisse, como seria a festa de Sant'Ana de 2020? As mudanças já haviam sido apontadas e desenhadas para os próximos anos. A festa continuaria sendo a festa? Ou algo de essencial seria perdido?

***Ihara:** Olha, eu como uma pessoa que morei praticamente a minha vida toda no Inhaí, que eu fiz parte das festividades, participei das festas de rua, participei das festas religiosas, fiz parte do coral, fiz parte da banda (...) Eu acredito que festa, quando a gente pensa na festa de Sant'Ana, a gente pensa um conjunto, então, a gente não pode pensar separado. Eu acho que a festa vai muito além dos ritos que acontecem dentro da igreja, a festa também é um momento de reencontro, momento de relação uns com outros, momento onde a gente deixa um pouquinho de sentir saudade, a gente mata a saudade das pessoas que voltaram. É um momento também, de religiosidade, de fé, de devoção, porque a gente consegue sentir, consegue ter esse sentimento, sentir, quando estão acontecendo as procissões, os cânticos que são cânticos específicos. Eu acredito que a festa, é justamente essa reunião, essa união, várias características. Características da festa de rua que é um elemento deste quando eu me entendo por gente, e as características religiosas e fora isso todas as relações da comunidade, todo o carinho, toda devoção e esforço em conjunto que foi feito para a realização da festa, entende? Então vai muito além de ser uma coisa só.*

Como Ihara, vamos entendendo que a festa é um fenômeno comunitário, só existe se há união. O que não significa que não existam tensões, como já ficou claro até aqui. O ponto é que sozinho não se faz festa. Por isso é tão importante o retorno dos que migraram. Por isso tantas dúvidas se celebrações transmitidas pela internet são ou não festa. Por isso ter sempre mais pessoas participando pode ser visto como positivo por alguns: mais gente vai, mais gente se reencontra. Mas isso não é consenso. Mais uma vez Paula nos ajuda a contemplar outra perspectiva:

***Paula:** A festa de Sant'Ana pra mim é um momento muito especial, porque é um momento que a nossa comunidade paroquial se reúne, pra prestar homenagem e louvor para Sant'Ana (...). A gente se encontra ali pra rezar, pra agradecer as graças que alcança por interseção dEla e também por estar ali reunidos em festa com a comunidade.*

Para Paula não basta qualquer forma de reencontro, é importante que o sentido religioso esteja no centro. O interessante é que, também para ela, *estar reunidos* é motivo de agradecimento. Retomamos um trecho de Lúcia Maria a esse respeito:

Lúcia Maria: *Tinha leilão, as barraquinhas ficavam cheias, e foi acabando tudo. Aí acabou isso tudo depois que inventou de vir cantor de fora. O que também é bom, vem cantores para os palcos. Eu acredito que seja um ponto positivo, considerando que o Inhaí é um canto. O que mais foca mesmo é a questão da falta de devoção, porque hoje em dia o pessoal vem pra festa com o intuito de aproveitar mais a rua. Vem como feriado, para descansar. Aí antigamente o pessoal vinha das comunidades locais, das nossas localidades aqui, a igreja ficava cheia, lotava, então acho que o foco maior é a da devoção, e as reinvenções das festas vem vindo mudando pensamento, você sabe né, tudo muda.*

Lúcia Maria está elaborando: o problema da festa hoje é o cantor que vem de fora? A ampliação ser vinculada a “estrangeiros” seria um desvirtuar do seu propósito original? Mas ela mesma se corrige: isso *também é bom* e afinal, antigamente o *pessoal* de fora também *vinha* para a festa. Dando um passo a mais, ela afirma que diferença é que eles iam por *devoção* e as *reinvenções* não têm conseguido garantir uma igreja cheia. Ou seja, a devoção, para ela, é também uma experiência de união: todos estão ali em função de algo que os transcende e isso os unifica de um modo que os shows não conseguem fazer. Embora, como vimos, alguns jovens vejam o crescimento da festa como positivo, o que salta aos olhos é que a re-união permanece como fator essencial: o mesmo ponto, no fim, é o motivo de crítica e de elogio às mudanças que vêm acontecendo. Ihara reforça essa compreensão ao aprofundar sua experiência da festa como momento de reencontro:

Ihara: *A Festa de Sant’Ana sempre foi muito importante aqui na comunidade, e eu acho que na vida de todos os jovens e adolescentes hoje em dia, que são ausentes, que não moram mais lá. Retratava o reencontro entre as famílias para além das festividades religiosas, era uma época que eu podia rever familiares, pessoas que não moravam mais lá. De certa forma a festa de Sant’Ana reaproximava a gente. Muitas pessoas iam visitar a minha casa, então eu acho muito importante essa representação de manter esses laços em decorrência da festa de Sant’Ana. Era uma coisa que me chamava muito atenção, que mexia com o emocional, com os sentimentos mesmo. Os inhanhenses ausentes chegavam para a festa: agora gente pode se encontrar. Então eu acho que a festa é como se fosse um reencontro mesmo, eu vejo a festa como um reencontro entre essas pessoas, entre essas famílias.*

Se os mais velhos e mais devotos têm razão em apostar que só a devoção é capaz de consolidar a re-união que se apresenta como elemento essencial da festa enquanto fenômeno, só o tempo dirá. E, se o futuro parece incerto, talvez olhar para o passado possa ajudar a compreender como a festa se consolidou como esse projeto coletivo que a um só tempo afirma uma Potência transcendente e a importância da união comunitária.

Ingrid: *Como a senhora começou a participar da festa?*

D. Mercês: *Meu pai, né? Meu pai vinha pra cá todo ano e trazia nós pequeno junto dele pra ver Sant'Ana.*

Ingrid: *A senhora é daqui do Inhaí?*

D. Mercês: *Sou não, eu vim morar aqui quando casei. Aí eu casei e a gente 'tá aqui até hoje no mesmo lugar. Eu morava era aqui pertin' mesmo, e sempre vinha mais meu pai. (...) Eu fico aqui, daqui eu vejo a igreja, meu pai trazia pra... antes.*

A fé de um é apresentada a outro. O momento de adoração e de agradecimento pela graça alcançada é acompanhado pelos olhos atentos das crianças, oportunidade de seguir aquele mandamento. A experiência de um se torna incentivo de fé para o outro. A experiência de fazer parte daquele momento em uma época da vida. As práticas que são passadas de gerações a gerações. Os fatos narrados. Uma história. Muitas histórias.

Cada família tem uma prática comum, um simples gesto de respeito e adoração. São práticas que acontecem naturalmente e fazem parte da experiência de fé cada um. Se remeter à Santa como Nossa Senhora, apresentar-se diante da imagem abaixando a cabeça como sinal de respeito seguido do sinal da cruz.

A importância de que a fé seja vivida por meio de ritos e momentos festivos indica que a vivência religiosa não se dá de modo desvinculado da experiência comunitária. A devoção convida à união em torno de um projeto que afirma tanto a fé quanto a importância de estarem juntos. Novamente, festa não é algo que se possa fazer sozinho.

D. Alice: *A festa de Sant'Anna né, pois é... A festa é assim que a gente pede, tem os festeiros ali, eles vão fazer os convites, sai procurando as pessoas pra ajudar.*

A festa de Sant'Ana é um momento de planejamento, organização e distribuição de atividades. É um momento de encontro, de reencontro, de paz ou bagunça. É um momento que sempre acontece e se modifica com o tempo. É um

momento em que espaços distintos se encontram, consolidam laços, enriquecem a fé e o comércio.

Eu gosto muito do meu lugar

À medida que se clarificam os vários sentidos da festa de Sant'Ana, também vão sendo delineados os modos como cada um se vincula à comunidade. A festa como vivência comunitária suscita questionamentos: que seria vivência de pertencimento? Quais relações estabelecemos com determinados lugares? Que lugar é o Inhaí para quem lá vive ou deixou de viver?

Lúcia Maria, ao falar sobre a comunidade, expressa: *o Inhaí é um canto*, lugar pequeno, que vê seus membros alçarem voo para longe e retornarem na época da festa de Sant'Ana, o que *é bom pra fortalecer vínculos, querendo ou não a festa permite que o pessoal vem pro Inhaí, assim os que não estão residentes voltam no período da festa.*

E, para esses filhos da terra que precisam migrar de seus ninhos à procura de melhores condições, seja emprego ou estudo, seu lugar continua sendo a comunidade rural? Muitos voltam para debaixo das asas de sua morada assim que possível. Em comemorações festivas ou nas férias, tudo se torna um motivo para seu retorno. O Inhaí é um grande exemplo disso, as pessoas saem de seu lugar numa busca por melhorias, e voltam sempre que possível para fazer parte do que lhes pertence: a festa de Sant'Ana, a folia de Reis, entre outros. E para quem saiu de lá, que lugar é o Inhaí?

Para Ihara, jovem que migrou da comunidade para estudar em Diamantina:

Ihara: O Inhaí não pode ser cidade, o Inhaí é totalmente dependente de Diamantina, não tem banco, não tem hospital, não tem caixa, só tem um supermercado. Não tem todas as facilidades que a cidade oferece, acaba que a gente fica à mercê de Diamantina. (...) Inhaí é uma roça-grande (risos).

Já vimos como Ihara fala com carinho da festa de Sant'Ana e aqui ela nos apresenta o Inhaí como *roça-grande*, comunidade rural em que faltam estruturas básicas para a vida moderna. Por outro lado, para mim, vinda da cidade Diamantina, ali o olhar é diferenciado, o ritmo do dia é totalmente diferente, é possível parar e respirar, olhar o céu e notar seus encantos. As pessoas estão posicionadas nas janelas, sentadas em suas calçadas, em lugares que fazem parte verdadeiramente

de seu cotidiano. É possível ver crianças brincando na rua, idoso nas praças ou na porta da igreja, em grupos conversando sobre coisas simples: será que vai chover?

A horta é tratada todas as manhãs, logo cedo, ou melhor, na madrugada, antes do galo cantar. Pés de manga, chuchu, banana e um canto com folhas, couve, alface e cebolinha, além dos bichos como galinhas, às vezes porcos, cavalos, vacas, tudo num mesmo quintal. A feira pode ser feita em casa. Fatos característicos de suas vidas, com a pureza do ar que alivia a qualquer corpo. É o mundo-da-vida. É a constituição de um lar. O seu lugar.

***Tuca:** Ingrid, eu sou suspeita em falar, sabe? Eu não sei se você já ouviu falar em um ditado que o povo fala que: “Inhaí é terra que ninguém quer ir, mas quando vem não quer sair”. Eu acho que eu sou suspeita, porque eu vivi muito tempo em São Paulo, sabe? E 2003 voltei pra cá e pensei: não quero sair daqui mais nunca, eu quero viver aqui pra sempre, no Inhaí. Porque é uma coisa gostosa, sabe? Viver em comunidade, viver em família, o calor humano, todo mundo preocupa com todo mundo. Eu mexo na Associação dos Produtores Rurais, sou Presidente. Ali eu me encontro, a gente sabe quem é quem, quem que passa dificuldade... Apesar que no Inhaí graças a Deus não tem isso mais. Pessoas falam: “ah a estrada está ruim”. Aí eu sempre falo: “gente, tem lugar pior”, né? Muito tempo atrás não tinha luz, a gente vivia com lamparina. Não tinha telefone fixo em casa, era um orelhão na rua, agora todos podem ter um telefone em casa, temos o celular que chegou, tem a internet. Gente, quem não quer viver num lugar desse? Nossa, é muito tranquilo, dá certas horas você vai dormir e vai dormir com sossego, né? Você vai no quintal, colhe uma verdura para você comer, não tem a necessidade de ir lá no mercado ficar comprando essas coisas, você tem tudo em casa. E eu defendo muito a minha comunidade, não gosto quando falam que Inhaí não vai pra frente, vai sim! Porque essas pessoas não enxergam as coisas que acontecem. Vai assim, passo de tartaruga, vai acontecendo devagar, um dia faz uma coisa... Agora mesmo, a nossa ponte, né? Graças a Deus estão mexendo nela, não sei quando vai acabar, mas pelo menos já começou. (...) São coisas que a gente tem que agradecer a Deus por estar aqui, né? (...) Pra mim o Inhaí é maravilhoso, bom demais, graças a Deus.*

O sentido de pertencimento ao lugar Inhaí, para Tuca, engloba a convivência e a tranquilidade. Há pessoas que se sentem parte disso tudo, mas há também pessoas que preferem reclamar dos problemas, como ela nos diz, ou que encontraram um novo lugar, em outra cidade. Neste último caso, como acontece com Ihara, os vínculos afetivos não são encerrados por completo, sempre há resquícios de algum sentimento, tudo faz parte do processo.

Não é fácil estudar o conceito de lugar, a geografia abraça este tema, mas apresenta diferentes denominações. O lugar é físico? O lugar é visível? O lugar é sentido? O lugar é sentimento? O lugar é abstração? Mas o que é o lugar? Palavras se embarçam umas nas outras, uma mistura de ideias que confundem a minha mente. O lugar pode ser o mesmo para diferentes pessoas? Acredito que não! O lugar pode deixar de existir? Dúvida cruel. Perguntas sem respostas. Mas que é lugar para você? Me pego pensando, qual o sentido disso? Qual o valor para isso? Qual seria o meu lugar? Não precisa ter sentido, ou talvez sim? Não precisa ter valor, ou será que sim? Mas temos um lugar, e que lugar é esse? Às vezes nem sabemos, ou sabemos e ainda não descobrimos. O lugar pode ser uma pessoa? Reflitamos! O nosso primeiro lugar foi a nossa mãe? O seu útero? Como em teorias relacionadas à canção “Casa” de Vinicius de Moraes? Talvez o lugar seja pequeno, ou até mesmo grande. Ele tem cheiro, gosto e sabor, ele tem características que o damos.

Ingrid: E daqui do Inhaí? Senhora gosta daqui?

D. Alice: Gosto. ADORO, NOSSA, minha terra, minha filha. SOU APAIXONADA. Hoje pra mim, Inhaí é cidade. Que no meu tempo, oh, era muito triste, tinha nada aqui minha filha, era tudo mato, e não tinha escola, boas escolas, dava [aula] era no salão de casa sabe? (...) Era uma tristeza, não tinha nada menina, depois que foi crescendo. Não tinha estrada pra gente ir pra Diamantina, era um sofrimento danado. Agora, hoje, pra mim, é uma cidade, que graças a Deus já tem quase tudo, né? Tem um colégio muito bom, nossa escola é boa demais, tem até terceiro ano, não tinha, né? Tem água, que a gente carregava água na cabeça (risos). Era nesse córrego aqui, aí buscava água, onde é esse beco, era uma lama que atolava a gente até aqui [sinal até os joelhos]. Passava era um na frente d'outro. Atrás era muito sofrido, hoje pra mim é uma maravilha, eu gosto muito do meu lugar. Vai crescendo devagarim, vai crescendo, né? Agora tá tudo ótimo, a gente tem esse posto aí que é muito bom, tem as enfermeiras, tem as agentes de saúde, tem dentista, tem o médico, tem tudo, graças a Deus. Já tem uma farmácia, agora a gente tem, foi dia de Sant'Anna que eles abriram aqui, dia 26. (...) Da festa eu gosto muito da celebração com os fogos, antigamente eu ia com minha mãe, no finalzinho dos anos 90 que eu participei ajudando fazer a festa, essa que tem a fita. Agora todo mundo gosta, e tudo muda mesmo.

Podemos estabelecer conexão com determinados lugares a partir da experiência que compartilhamos com outras pessoas. O espaço se torna lugar no momento em que o dotamos de valor, ele só se transforma em lugar quando há

sentimento, assim passamos a representar locais como nossos lares, ressignificamos pontos que um dia foram um espaço desconhecido.

Dona Alice apresenta dificuldades e transformações do Inhaí, deixando claro que a sua paixão pela comunidade é grande. Ela dá significados a certas experiências que vivenciou quando era jovem. As mudanças na vida comunitária são apresentadas como evolução positiva e o gosto pelos avanços é matizado pelo fato de antes ser muito sofrido vivenciar essas dimensões básicas da existência hoje garantidas pelo acesso facilitado à água, educação e saúde. E esse gosto se traduz na afirmação enfática de ser *APAIXONADA* por *minha terra* Inhaí, que para ela, hoje, é *cidade*. Seu forte sentido de pertencimento ao Inhaí exalta o desenvolvimento da comunidade ao longo do tempo.

Sua valorização pela configuração atual da comunidade de certo modo contrasta com a resposta ao ser questionada sobre se gosta da festa hoje em dia: *“eu? Mais ou menos, antigamente, eu achava melhor, hoje tá tudo diferente”*. Embora se inverta a direção do que é valorizado em um e outro caso, em ambos a estrutura que se apresenta é de comparação entre tempos vividos, de modo a explicitar o que há de bom. É interessante destacar que um dos momentos ditos por Dona Alice como importante na festa de Sant’Ana era a distribuição do doce, algo que não acontece mais na atualidade, mas ela de certa forma dá continuidade a esse momento:

D. Alice: *Aqui [ela levanta da cadeira e pega bombons]: toma aqui pra cês. Eu tenho um monte de doce que fico na janela esperando os meninos passar da escola pra eu dar eles. Tem vez que eles até fica me esperando: “oh dona, cadê a bala?” Já acostumei.*

Talvez para ela seja somente um agrado para as crianças e jovens que passam pela sua janela. Uma ação sem ao menos perceber que faz parte da história da comunidade. E que eu pude notar em cada casa que passamos: sempre há uma vasilha com balas, doces ou bombons para as visitas. Uma forma de agrado, de promoção da hospitalidade que agrega: companheiro é quem partilha o pão. E se o compartilhado é um alimento doce, a alegria está garantida! É como se uma ação que era típica da festa tivesse entrado na vida cotidiana, forma de fortalecer vivências comunitárias que a festa promovia (seguirá promovendo?) Ou essa já era uma prática cotidiana que foi incorporada à festa e hoje perdura nas casas, mas não

na celebração? Impossível saber, mas bem fácil sentir: o gosto bom na boca da visita é um convite a gostar do Inhaí e querer voltar.

No gesto simples de Dona Alice colhemos uma unidade entre modos de viver a festa e viver a vida cotidiana. Um modo que propõe o gosto bom de estar ali, que reafirma o gosto pela festa e que se mostrou presente também nas conversas com outros membros da comunidade, mesmo aqueles que não se detiveram muito nas elaborações sobre seu pertencer ou não ao Inhaí. Jandívison e Ihara, por exemplo, começaram seus depoimento afirmando:

Jandívison: *A festa de Sant'Ana de Inhaí me traz muitas recordações doces da minha infância e adolescência! Nessa fase eu participava todo ano.*

Ihara: *Eu participo de tudo, de algumas coisas que acontecem na comunidade, nos momentos que eu mais gosto de participar lá na comunidade é da festa de Sant'Ana.*

Perguntados sobre a festa, ambos começam falando sobre sua participação nela, sobre o gosto doce das recordações ou o gostar de vivenciá-la. Não falam da festa como algo externo, pois por muitos anos estiveram na festa como protagonistas, *participavam todo ano*: viver a festa se mistura com suas biografias. Assim, a fala sobre a festa é uma fala em primeira pessoa. Isso fica claro também no início das conversas com Dona Mercês e Paula:

Ingrid: *Boa tarde, meu nome é Ingrid, eu sou de Diamantina estou aqui na comunidade pra realizar um trabalho sobre a festa de Sant'Anna. Gostaria de saber se a Senhora poderia conversar um pouquinho comigo sobre como é a festa, se a Senhora participa, se a Senhora gosta? Qual o nome da senhora mesmo?*

Dona Mercês: *Vem pra dentro. Meu nome é Mercês, eu gosto da festa de Sant'Anna, tem muito tempo que eu participo.*

Ingrid: *Eu queria saber como é a festa para você, as festas que já aconteceram, qual o seu envolvimento, como você começou a participar da festa de Sant'Ana, eu queria saber mais um pouco sobre isso.*

Paula: *Tá bom! Eu sou daqui do Inhaí, nasci aqui e moro aqui, né, há muito tempo. Então a festa de Sant'Ana para mim é um momento muito especial, porque é um momento que a nossa comunidade paroquial se reúne pra prestar homenagem e louvor para Sant'Ana.*

Com Dona Mercês me apresentei perguntando sobre a festa e ela se apresenta me chamando para dentro, dizendo que gosta e participa há muito tempo. Com Paula, pergunto sobre a festa e ela responde: *sou daqui do Inhaí*. Para poderem discorrer sobre a festa, ambas primeiro precisam se situar nela: Dona

Mercês, que não nasceu no Inhaí, atesta ser partícipe há muitos anos. Paula, filha da terra, começa afirmando esse fato e completa com a informação que segue morando lá. Vai se delineando como participar da festa se enraíza no participar da comunidade, um certo modo de ser que convida para entrar a “menina” desconhecida que quer conversar sobre a celebração.

O tempo passa, as necessidades econômicas mudam e podem dispersar a população em busca de fontes de renda ou justificar o crescimento da festa de rua em detrimento da devoção vivida dentro da igreja. As tensões se re-instalam e quem vive a centralidade da fé apoia modos de re-criar a festa em busca de suas origens. Partindo do interesse em conhecer os sentidos da festa para quem a vive, chegamos à compreensão de que em todos esses momentos e movimentos a festa é ocasião de agregar, reunir e, portanto, ação potente para re-afirmar o Inhaí como comunidade.

Diálogos teóricos

Reunir para festejar

Tendo como objetivo compreender os sentidos de uma festa em homenagem à padroeira local, é importante clarificar compreensões sobre o que são as festas populares e sua vinculação à devoção a santos. São vários os sentidos e modos que uma festa pode apresentar, neste caso, nossa intenção foi trabalhar com os sentidos de uma festa religiosa, mas especificamente, festa religiosa católica de Sant’Ana do Inhaí.

Segundo o filósofo alemão Josef Pieper (1974), em sua obra clássica *Uma teoria da festa*, o dia festivo é sempre mais do que simplesmente um dia em que não se trabalha, pois celebrar implica sempre um estado contemplativo. Para haver uma festa, algo divino deve acontecer, pois é o aspecto divino que a torna possível. Assim, celebrar uma festa significa colocar-se na presença da divindade.

A essência da verdadeira festa, para o autor, está em sua riqueza existencial, no valorizar as coisas perdidas, a sua excepcionalidade, o afeto, a memória e a afirmação do mundo. A festa real está ancorada no amor, deste modo ligada à alegria e à sua forma mais tranquila. Ele discorre que os elementos da festa: a organização, a alegria e a adoração não devem ser confundidas com a sua essência, que é a necessidade de se afirmar no mundo, a criação enquanto dom.

Mahfoud e Massimi (2009) defendem que festas religiosas são fenômenos que re-apresentam sentidos comunitários e se articulam ao dinamismo pessoal de modo particularmente intenso na cultura barroca³. Os autores explicitam como a cultura barroca difundida no Brasil é marcada por grande ênfase nos aspectos sensoriais como mobilizadores dos afetos e do entendimento. Se considerarmos que o culto a Sant'Ana foi instituído na região do Inhaí no período histórico marcado pela cultura barroca, é possível afirmar a importância da dimensão hilética, isto é, “a materialidade tomada através da ressonância que ela promove no sujeito” (MAHFOUD; MASSIMI, 2009, p. 54, tradução nossa), para a compreensão de como os membros da comunidade elaboram os sentidos de sua participação na festa.

Se tratando de comunidades rurais, devemos levar em consideração que muitas pessoas mudam em busca de melhores condições de vida, seja a trabalho ou estudo. Este fato é presente na comunidade do Inhaí. Várias famílias migraram em direção a um objetivo quase que comum: a melhora de vida. É possível observar que parte destas pessoas ainda cultivam as suas raízes, a festa de Sant'Ana é para eles uma razão de retornar ao seu lugar. Amaral (1998) destaca que o divertimento, um pressuposto de festa, é uma rápida fuga da monotonia cotidiana do trabalho pela sobrevivência, é uma “zona de respiro”.

Claval (2014) discorre que a festa quebra a continuidade quotidiana da existência, a atmosfera muda. As decorações, as pessoas, os cantos, tudo se mostra um espetáculo. A festa é acompanhada frequentemente por uma subversão, ou uma inversão passageira da ordem social. Segundo o autor, a festa religiosa realiza uma quebra na vida de cada participante, as inquietações e as preocupações são relevadas naquele momento: a dureza do tempo, os problemas familiares, os pais que envelhecem, os vizinhos barulhentos. Por alguns dias, tudo é suspenso, as festas foram criadas para recuperação do fôlego. É um momento de descanso, de reencontro e de espera.

Entendemos que a Festa de Sant'Ana do Inhaí é tudo isso: é contemplação, é um apelo aos sentidos. A festa é encontro, a festa é reencontro. A festa é uma pausa no tempo, a festa é uma zona de respiro, a festa é um momento para

³ É importante destacar que existem diversas modalidades expressas na cultura barroca brasileira, em Minas Gerais podemos evidenciar as esculturas em pedra-sabão, entalhes em madeiras e nos altares das igrejas.

recuperar o fôlego. A festa é solidariedade e união, a festa é paz de espírito, é uma calma para a alma.

Dois tempos

Perez et al. (2012) discorrem que festa é uma presença constante em nossas vidas individual e coletiva, regulando-as no ritmo de sua incessante sucessão no calendário. Festas marcam os tempos fortes, os momentos culminantes, as alternâncias de ritmo e de intensidade da vida individual e coletiva. Segundo os autores, identificar um evento como festa, no sentido geral, não parece difícil, mas tudo se complica quando se trata de qualificar e de particularizar.

A comunidade do Inhaí se reúne anualmente com o objetivo de celebrar a Sant'Ana. Julho, mês de sua celebração, pode ser caracterizado como tempo forte segundo a descrição apresentada por Perez et al. (2012). E este tempo forte dita o funcionamento da comunidade e de sua população frente à organização e a celebração da festa.

O tempo é re-significado, é tempo de devoção, de fé, de respeito. É tempo para cultivar, para agradecer, para celebrar. A festa é um momento no tempo em que os fiéis se sentem mais próximos da divindade. O mês de julho no Inhaí é o mês do tempo de Sant'Ana, todos os propósitos religiosos católicos estão voltados para a padroeira, a comunidade se solidariza e se reúne.

Eliade (2019) apresenta que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser-no-mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. O tempo para o homem religioso não é homogêneo e nem contínuo. Existem intervalos de tempo sagrados, que são o tempo das festas. E existe o tempo profano, com duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. Entre essas duas modalidades de tempo existem uma solução de continuidade: por meio dos ritos o homem religioso pode passar sem perigo da duração temporal ordinária para o tempo sagrado.

Couto (2008) afirma que apesar dos festejos serem repetidos anualmente, não existe uma composição de estrutura fixa ou rígida. Este autor defende que devoção, festas e ritos têm a “função primordial de reatualizar o tempo mítico, reversível e recuperável. Ao participar desses eventos, o fiel evoca e recria o tempo inicial” (p. 2). Desta forma as manifestações religiosas não são somente comemoração de um

acontecimento, mas permitem que ele seja re-atualizado, permitindo aos participantes reviver o tempo original e promovendo purificação.

O Inhaí cultua Sant'Ana. Nos dias em que Santa é comemorada, a comunidade tem um objetivo principal, ela é re-significada e os espaços são demarcados. Em tempos de festa, o lugar é organizado de forma diferente do habitual. Cada ponto, cada momento possui um significado na organização: as casas dos festeiros, o ponto de partida da bandeira do mastro, o caminho por onde o cortejo passa, o ponto onde a festa de fogos se inicia e a posição da banda de música. Cada detalhe tem sua importância. Por isso a separação da festa em dois momentos é melhor definida como distinção entre dois espaços/tempos: o espaço/tempo do sagrado e o espaço/tempo do profano.

Dois espaços

Entendemos que o espaço aqui tratado não é somente um espaço físico de interação entre elementos naturais e culturais, o espaço vai para além da localidade. Vimos que, durante a Festa de Sant'Ana do Inhaí, a vivência da espacialidade sagrada pode se dar num mesmo ambiente que em outro momento é vivenciado como espacialidade profana.

Eliade (2019) ajuda a compreender esse aparente paradoxo ao defender que a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano. O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta. Rosendahl (2002) complementa dizendo que os espaços são sagrados onde o sagrado se manifestou. Para o homem religioso essa manifestação pode estar contida num objeto, numa pessoa, em inúmeros lugares. A natureza não é exclusivamente natural ela está carregada de valores sagrados.

Também para Tuan (1972), os espaços sagrados são espaços onde houve manifestação de uma potência. O autor salienta que o sagrado é tudo que se destaca do lugar comum e da rotina. Em sua concepção, o termo sagrado sugere sentido de ordem, totalidade e força.

No Inhaí, a Igreja e talvez a Serra de Sant'Ana sejam os principais espaços considerados sagrados. A igreja é onde os fiéis vão encontrar a Santa. A Serra de Sant'Ana é o ponto onde, para os moradores locais, a imagem apareceu. A imagem sacraliza a rua quando é conduzida pelo cortejo de fiéis. A mesma rua que, tempos

depois, será vivida como profana quando o motivo de estar ali não for mais a adoração e sim a diversão.

Essa característica da realização das festas de rua com as barraquinhas e shows, é comum em grande parte das festas religiosas católicas realizadas em comunidades rurais. E o conflito muitas vezes é necessário para redefinições do principal motivo da existência das festas que nasceram da crença, da fé, da devoção.

O motivo da festa

Ales Bello (1998) mostra que o método fenomenológico possui capacidade de remontar até às origens dos fenômenos, não somente descrevê-los nas manifestações exteriores, mas evidenciar as fontes que os produziram. Quando se trata de vivência religiosa, buscamos através da experiência da pessoa compreender o modo como cada fenômeno se mostra dentro de determinada religião, as expressões, os modos e ritos são manifestações do fenômeno da fé.

Araújo e Mahfoud (2004) assinalam que a experiência religiosa caracteriza-se por ser “um relacionamento com o mistério admitido e reconhecido dentro da vida presente numa figura que porta significado totalizante” (p. 30). A devoção à santa padroeira é caminho privilegiado de vivenciar esse relacionamento com o mistério.

Em comunidades rurais as festas religiosas em comemoração a santos locais são uma prática comum. Pereira (2003) destaca que a devoção se distingue pela fidelidade, espécie de pacto entre santo e devoto. Para o autor, a devoção é um fenômeno característico das camadas populares, que contribui para o fomento da esperança, especialmente diante de situações de sofrimento.

Ela ajuda também a manter as pessoas reunidas em torno de algo que as transcende. E qual a importância dessa re-união para a festa enquanto fenômeno? É preciso uma comunidade para que a festa aconteça? Mas o que é a comunidade?

Festejar para re-unir

De acordo com Araújo (2008) a compreensão do viver conscientemente, a pertença, refere-se ao fato objetivo de uma pessoa encontrar-se dentro de uma comunidade, receber dela uma formação e desempenhar determinadas funções.

A consciência do pertencer consiste na busca de uma apropriação daquela herança por parte do sujeito que a recebe, possibilitando uma participação e uma contribuição que revelem sua marca pessoal. Tal consciência do pertencer tem o seu início na responsabilidade com a comunidade em que o sujeito se encontra na medida em que, integrado a esta, em seus diversos âmbitos, se sente chamado a constituí-la. O seu valor incomparável não está na contribuição em si que dará à história, mas no fato de que responde a esse chamado (ARAÚJO, 2008).

Cruz (2018) destaca que a palavra comunidade pode, na língua portuguesa, gerar diversas interpretações. Segundo a autora, não se trata somente de uma “comum unidade”, a palavra vem do latim, *communio*, que por sua vez vem do grego *Koinonia*, que significa um grupo de pessoas que vivem em comunhão, e a palavra comunhão significa participação, relação, estar-em, pertencer-em.

A vida em comunidade se dá pela construção de várias pessoas, cada qual com suas vivências individuais. É na convivência pessoal que se dá o processo de empatizar, que colabora para que a pessoa se forme cada vez mais plena, podendo desenvolver todas as suas potencialidades humanas e sociais (CRUZ, 2018).

Stein (2003) mostra que a comunidade é construída por pessoas e também por um organismo de membros de várias maneiras. Para a compreensão do que é a comunidade, a fenomenóloga ressalta que é necessário antes de tudo conhecer que é a pessoa, e então compreender como ela se forma para a comunidade e como a comunidade se forma para a pessoa.

Stein (2003) afirma que a pessoa humana é dotada de uma disposição humana comum e se relaciona por natureza com seus pares. Onde quer que o ser humano esteja, uma compreensão e uma comunhão de vida começam e nelas eles crescem juntos para certas formas sociais concretas que chamamos de comunidade. Concomitantemente, é importante destacar que as pessoas possuem uma peculiaridade única, a individualidade faz parte do ser e nunca se perde.

A festa de Sant’Ana pode ser entendida como uma obra cultural que fortalece a comunidade e é fortalecida por ela. As mudanças que vêm ocorrendo traduzem visões distintas sobre o que pode favorecer mais aquela vivência originária da celebração como re-união. Nesse sentido, entendemos que hoje, dentro da comunidade em geral, destaca-se a comunidade paroquial, ou seja, a comunidade religiosa na qual eles partilham do mesmo objetivo que é a devoção a Sant’Ana.

A experiência de fé e devoção a Sant'Ana do Inhaí pode ser caracterizada como uma vivência comunitária por fazer parte de uma experiência de nós. Como destacado por Coelho Júnior (2006), a vivência comunitária implica um reconhecimento de uma experiência de “nós”, uma experiência de pertença. No Inhaí, a população se sente pertencente ao grupo que cultua fé a uma santa, padroeira local. Juntos eles compartilham orações e pedidos, alcançam graças e agradecem. Alguns não se dizem devotos, mas reconhecem no culto à Sant'Ana esse movimento agregador da comunidade. Quase todos enfatizam que antigamente a devoção era maior, um sinal que pode indicar que possa estar ameaçada a renovação do núcleo de pessoas que sustentam a vivência comunitária religiosa.

Nas comunidades religiosas há todo um comprometimento de pessoas que, a partir de sua experiência de fé, envolvem outras pessoas com seus testemunhos. Na comunidade do Inhaí, acontece exatamente assim, a crença religiosa por Sant'Ana é aprendida desde pequenos nas famílias católicas, os mais velhos ensinam aos mais novos a importância da devoção à Santa Mestra. Os pais rezam pelos filhos, alcançam graças e compartilham tal experiência de graça atendida, a qual pode ser aceita pelos filhos que passam a orar juntos desenvolvendo a fé.

A devoção pode ter diferentes graus de intensidade e ainda ser uma devoção. No Inhaí a devoção seguirá ou poderá ser resgatada como ponto maior? Se o espaço/tempo profano sufocar o sagrado, os encontros e reencontros nos momentos de festa ainda serão capazes de manter a comunidade unida? A dúvida que inquieta até mesmo os membros que não se reconhecem devotos lança um desafio que somente eles, enquanto comunidade, poderão responder. Identificamos sinais de resistência das vivências comunitárias de agregação na oferta do doce que foi retirada da festa, mas sobrevive nas casas; no querer voltar todo ano e se alegrar à distância com seu crescimento; na tentativa de resgatar modos antigos de celebrar.

O que levamos conosco

A festa suscita a vivência de um tempo forte e a elaboração sobre as distinções entre o antigamente e o agora, entre o espaço sagrado da fé e o espaço profano da rua. Alguns exaltam a expansão das atrações profanas atraem um público maior de

jovens e movimentam a economia local. Outros lamentam o esvaziamento do espaço sagrado e temem pela continuidade da festa se ela perder seu ponto maior. Mesmo divergindo diante dessa tensão em relação ao modo como a festa se divide devotos e não devotos reconhecem a centralidade de Sant'Ana na constituição da festa, bem como enfatizam o quanto festejar é ocasião de encontros e reencontros. Nos diversos modos de elaborar sentidos da festa, aparece como participar dela se enraíza em participar da comunidade.

Em suma, aprendemos com Lúcia Maria, Ihara, Tuca, Dona Alice, Jandívison, Dona Mercês e Paula – pessoas tão diferentes entre si, que vivenciam a festa de Sant'Ana do Inhaí a partir de perspectivas tão diversas –várias formas se reafirmar o sentido da festa como vivência de re-união. Na hospitalidade com que recebem forasteiros; no carinho com que recordam o tempo da festa; nas elaborações sobre as tensões entre o antigamente e o hoje, entre a rua e a igreja; no modo como a religiosidade é transmitida entre gerações e afirmada como relacionamento pessoal com Sant'Ana... Nessas diferentes compreensões que diferentes miradas sobre a festa nos permitiram alcançar, colhemos um fio que perpassa, entrelaça, agrega: reunir em festa é afirmar a comum-idade.

A festa de Sant'Ana apresentou em seus vários anos muitas mudanças e adaptações. Ela era pequena, cresceu, tomou proporções inesperadas, criou polêmicas e divisões. Tem a possibilidade de retornar a ser mais simples, menor, atendendo ao gosto de uns, e gerando desgosto em outros. Assim também é a vida, num momento buscamos mudar, nos adaptarmos, crescemos, às vezes caímos, nos levantamos e seguimos em frente com o propósito de viver dia após dia. A festa busca se reinventar ano após ano, para se manter viva.

Neste trabalho, tivemos como limitações contar com poucos participantes, do acesso a eles ter sido prejudicado pela pandemia e da impossibilidade de explorar tantos outros aspectos ligados à festa, como sua origem histórica na região e as questões ligadas ao furto da imagem. Ainda assim, reconhecendo que a cultura está intrinsicamente ligada ao modo com que cada pessoa vê o mundo e que também em comunidades rurais tradicionais cada pessoa vê o mundo de uma maneira única, desejamos que as compreensões alcançadas contribuam para futuros estudos sobre a devoção popular a Sant'Ana no Brasil.

Com Leite (2016), entendemos que a tradição pode se manter viva no mundo moderno a partir da afirmação de alguns valores centrais somada à abertura à novidade instaurada por cada geração. Por isso é importante que cada vez mais pesquisas reconheçam e valorizem a complexidade da cultura, da religiosidade popular e rural, explicitando a pertinência de estudar esses fenômenos a partir de como as pessoas elaboram sua participação em festas tradicionais, em que diferentes vivências entrelaçam-se de modo único e potente.

Referências

ALES BELLO, Angela. **Culturas e religiões**: uma leitura fenomenológica. Tradução de A. Angonese. Bauru: Edusc, 1998.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: significados do festejar no país que não é sério. São Paulo. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ARAÚJO, Renata Amaral. **Uma tradição viva raízes para a alma**: uma análise fenomenológica de experiência de pertencer em uma comunidade rural de Minas Gerais. São Paulo. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ARAÚJO, Renata Amaral; MAHFOUD, Miguel. A devoção a Nossa Senhora de Nazareth a partir da elaboração da experiência ontológica de moradores de uma comunidade tradicional. **Memorandum**, vol. 6, p. 25-54, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6786>>. Acesso em 16 fev. 2021.

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes; RANIERI, Leandro. Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In: MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Org.s). **Edith Stein e a psicologia**: teoria e pesquisa. Belo Horizonte: Artesã, 2013, p. 449-466.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura: Revista de Ciências Sociais**, v. 10, n. 1, p. 11-27, 2007.

CLAVAL, Paul. A festa religiosa. **Ateliê Geográfico**, vol. 8, n.1. p. 06-29, 2014. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/29952/16526>> Acesso em 01 nov. 2020.

COELHO JÚNIOR, Achilles Gonçalves; MAHFOUD, Miguel. A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein. **Memorandum**, vol. 11, p. 08-27, 2006. Disponível em

<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6717>>. Acesso em 15 mai. 2020.

COUTO, Edilece Souza. Devoções, Festas e ritos: algumas considerações. **Revista Brasileira de História das Religiões**, vol. 1, n.1, p. 1-10, 2008. Disponível em <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26618>> Acesso em 01 nov. 2020.

CRUZ, Manuele Porto. **Pessoa, comunidade e empatia em Edith Stein**. 2018. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEITE, Roberta Vasconcelos. **Pesquisa Fenomenológica de um encontro intercultural**: a experiência de crianças da comunidade tradicional de Morro Vermelho. Curitiba: Appris, 2016.

MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina. Cultural dynamics in a Brazilian community: representation and re-elaboration of meaning in Morro Vermelho. In: BASTOS, Ana Cecília Souza; RABINOVICH, Elaine Pedreira (Orgs.). **Living in poverty**: developmental poetics of cultural realities. Charlotte: Information Age Publishing, 2009. p. 49-67.

MAHFOUD, Miguel; RIBEIRO, Simone. Experiência religiosa e enraizamento social: festa e devoção de emigrados em visita à comunidade rural de origem. **Videtur**, vol. 6, n. 1, p. 65-72, 1999.

PEREIRA, José Carlos. A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo. **Revista de Estudos da Religião**, vol. 1, n. 3, p. 67-98, 2003. Disponível em <https://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_pereira.pdf> Acesso em 15 out. 2020.

PIEPER, Josef. **Uma teoria de la fiesta**. Madrid: Rialp, 1974.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. 2ª ed. Rio de Janeiro. UERJ, 2002.

STEIN, Edith. Fundamentos teóricos de la labor social de formación. In: STEIN, Edith. **Obras completas IV**: escritos antropológicos y pedagógicos – magisterio de vida cristiana, 1926-1933. Vitória: El Carmen, 2003. p. 127-148.

TUAN, Yi-Fu. Sacred Space: exploration of an Idea. In: BUTZER, K. (Org.). **Dimension of Human Geography**. Chicago: University of Chicago, 1972.

VAN DER LEEUW, Gerardus. **Fenomenología de la religión**. Tradução de E. de la Pena. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524

ISSN: 2238-6424